

A MODA E A POBREZA NO RIO DE JANEIRO NA OBRA DE LIMA BARRETO

Data de aceite: 02/05/2023

Isabella Lima Bezerra

Formada em moda pela Faculdade Cisne de Quixadá. Graduanda em História pela Universidade Estadual do Ceará

RESUMO: Apresentar que em muitas obras literárias há uma forte presença da indumentária e da moda, através do contexto social vivido em meados do século XX no Rio de Janeiro. Buscou-se analisar o comportamento dos personagens da obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, do autor Lima Barreto, tendo foco no personagem principal, Policarpo Quaresma, que possuía ideias contrárias às demais figuras do livro. O final do século XIX e início do século XX, foram uma época marcada por transformações sociais e demográficas. Houve o fim da escravidão, consequentemente, novas populações movimentavam a cidade. Esses novos habitantes eram mal vistos na sociedade, fazendo com que a elite quisesse se livrar dessas pessoas. Assim, o objetivo principal é olhar como a moda está presente nas representações feitas no livro sobre a cidade do Rio de Janeiro, além das análises

das pessoas que lutaram por sobrevivência e eram marginalizadas pela sociedade injusta do período.

PALAVRAS-CHAVE: Moda. Pobreza. Literatura. Lima Barreto. Belle Époque.

ABSTRACT: To present that in many literary works there is a strong presence of clothing and fashion, through the social context of mid-20th century Rio de Janeiro. The aim was to analyze the behavior of the characters in Lima Barreto's *Triste fim de Policarpo Quaresma*, focusing on the main character, Policarpo Quaresma, who had ideas contrary to the other characters in the book. The late 19th and early 20th centuries were a time marked by social and demographic changes. With the end of slavery, new people moved into the city. These new inhabitants were frowned upon in society, and the elite wanted to get rid of them. Thus, the main objective is to look at how fashion is present in the book's representations of the city of Rio de Janeiro, as well as the analysis of the people who fought for survival and were marginalized by the unjust society of the period.

KEYWORDS: Fashion. Poverty. Literature. Lima Barreto. Belle Époque.

INTRODUÇÃO

Entre o final do século XIX e o início do século XX, houve um avanço nas sociedades, além de uma expansão europeia. O período ficou intitulado de Belle Époque. Assim como na Europa, no Brasil também foi vista a cultura da Belle Époque. As pessoas passaram a se vestir, a se comunicar como os europeus faziam. No Rio de Janeiro, o modo de vida das sociedades mudou completamente.

O Rio se modificou, foi uma época de civilização¹, essa forma seria desencadear a Belle Époque Cultural. O Brasil, na virada do século XIX para o XX, vivenciou a Primeira República, um período em que o café era o maior produto da economia brasileira. Houve também o fim da escravidão, e com isso, muitos ex-escravos, imigrantes e migrantes ocuparam o Centro do Rio de Janeiro. Ocasionalmente muito tumulto e desordem, pois existiam muitos retirantes e esses indivíduos eram mal vistos pela sociedade que só se preocupava em triunfar a modernidade.

Segundo Patto (1999), em corolário com Viotti da Costa, a República foi uma estrutura de tensões e desacordos vividos durante o Segundo Reinado, em meados de 1850, que resultaram em poder político e econômico.

Dessa forma, buscou-se analisar o contexto da Belle Époque na cidade do Rio de Janeiro (capital federal no período estudado), relacionando o comportamento das pessoas com relação à moda e à pobreza que ocasionou um processo de mudanças sociais, desmoralizando e desestabilizando os pobres.

Assim, Nicolau Sevcenko na obra *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*, publicada no ano de 1999, principalmente, expõe o panorama da Belle Époque brasileira com a análise crítica de Euclides da Cunha e Lima Barreto.

Nicolau Sevcenko, historiador brasileiro, é muito objetivo ao apresentar suas ideias sobre a Belle Époque, faz análises críticas tanto da política, como da economia e do meio social, e atesta isso nas experiências presentes nas obras fictícias de Lima Barreto e Euclides da Cunha. Esses dois colocavam em suas obras a realidade vivida na sociedade, ou seja, focavam no trabalhador rural, no abandono dos governos para com os indivíduos mais pobres, resultado de imigração intensa em meados de 1890, do êxodo para as grandes cidades e o impacto desse crescimento populacional nas condições de vida das pessoas, no período em que grande parte da sociedade acreditava viver como os europeus.

Nicolau Sevcenko fez uma análise estrutural a partir da Proclamação da República em 1889 até o período de 1930. Mostra a modernização do Rio de Janeiro como centro do poder, seus marcos simbólicos do regime republicano e a intelectualidade, além das atitudes preponderantes da sociedade como centro de decisões políticas e administrativas do Estado.

1. A ideia branca e eugenista de civilização. Teve-se também a teoria do Darwinismo Social, que se trata da superioridade racial de etnias superiores a outras. Os povos da África e da Ásia seriam os inferiores. Assim surge o chamado "O fardo do homem branco", tendo o europeu o encargo de levar a civilização e o progresso a povos tidos inferiores.

Esse historiador observa que o conhecimento da literatura em uma pesquisa historiográfica é muito singular, aborda declarações da sociedade e também perturbações e ressentimentos das pessoas que passaram pelo sofrimento. A historiográfica busca “o ser das estruturas sociais”, já a literatura é uma possibilidade, uma probabilidade “do seu vir-a-ser”.

Ainda conforme Sevcenko (1999), no início do século XX, especificamente, nas duas primeiras décadas, ocorreram no Brasil movimentos sociais, inspirados nos atributos da Belle Époque, “utilitarismo, liberalismo, positivismo, humanitarismo” executavam preceitos éticos propagados durante essa época.

Sevcenko (1999) declara que a vestimenta da refinada Belle Époque era um paletó de casemira de cor serena e chapéu de palha, o mais significativo era ser chique ou inteligente, “chic ou smart” como na citação, pois, antes era utilizado cartola e sobrecasaca, os dois na cor preto, o que se queria passar era um tom patriota e aristocrático Imperial.

O romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* foi escrito por Lima Barreto e publicado em 1915. Agradando a escritores modernistas na Semana de Arte Moderna, em 1922.² Mesmo ano em que faleceu, Lima Barreto. O enredo da obra passa no Rio de Janeiro em meados de 1890, onde a classe média alta imitava o povo europeu e julgava como louco Policarpo Quaresma, chamado de ingênuo, visionário e patriota, por não aderir à nova cultura imposta ao Brasil.

Lima Barreto ficou órfão de mãe ainda criança, concluiu os estudos com muito esforço e guardou uma memória dramática do golpe de 15 de novembro de 1889. Sua trajetória foi marcada por dificuldades, discriminações e preconceitos, muitos devido à cor da sua pele. Por isso, em suas obras, ele priorizava a riqueza brasileira e mostrava os absurdos cometidos por uma sociedade injusta e racista.

Lima Barreto, intelectual negro, favelado, tido como louco e alcoólatra, escreveu pontos que são ainda hoje pertinentes na sociedade. Literário, cujos trabalhos estavam atrelados à dimensão econômica e social da sociedade, foi influenciado pelas desigualdades sociais e sempre propôs em seus discursos problemas inerentes às mazelas dos mais necessitados.

Lima ficou conhecido por suas obras retratarem situações críticas ocorridas no Brasil, por exemplo, preconceito, pobreza e acontecimentos políticos. Porém, em sua obra *Triste fim de Policarpo Quaresma* ele retrata muito bem a vestimenta dos indivíduos que fez surgir a necessidade de um estudo mais aprofundado em relação à obra, o contexto vivido pelos personagens, relacionado com o período da Belle Époque, pois o enredo da trama se passa justamente no final do século XIX e início do século XX. Além disso, são enfatizados o preconceito, o governo autoritário e as mazelas dos mais humildes, bem como a pobreza.

O personagem Policarpo Quaresma, o protagonista do enredo, é morto ao final do romance. Algo bem excêntrico, pois sempre se espera um final feliz no qual os protagonistas

2. SILVA, Marcos Renan Praciano da. *Entre a História e a literatura – Lima Barreto: Narrativas sobre a pobreza nas primeiras décadas do Brasil República (1900 – 1922)*

se casam e vivem felizes para sempre³. Pode, sim, haver uma crítica quanto a isso, mas a importância desse final trágico é justamente para mostrar as situações em que as pessoas viviam, sobretudo, as injustiças sociais.

Daí tem-se a importância dessa obra literária dentro da perspectiva histórica, mesmo olhando a obra em uma condição de história do Brasil, é perceptível que os problemas ainda se repetem, pessoas querendo ser o que não são, injustiças raciais, deixando o negro, a pessoa de pele escura marginalizada, além das mudanças nos espaços públicos para um progresso subordinado a iniciativa privada e apenas aos mais ricos.

Barreto denunciou que a “paisagem” do Rio de Janeiro vai sendo “melhorada” para satisfazer uma parte da sociedade que não aceita todos, que é inerte ao ver o sofrimento alheio e que abandona os mais necessitados. Como ele tinha uma liberdade para criação de suas obras, ele enfatizava o testemunho de uma realidade vivida pela sociedade, apontando os conflitos, as revoltas historiograficamente e literariamente concentradas no espaço social.

Considerando o período da Belle Époque no Brasil, nas ideias exploradas na obra literária, é importante salientar que a Belle Époque foi um acontecimento capitalista, no qual os brasileiros queriam viver como os europeus, foi uma novidade voltada para o consumo. Mas nem todas as pessoas puderam usufruir das novidades, o que era progresso para uns, era uma insatisfação para outros. Fazendo com que a população humilde fosse esquecida e alojada em cortiços, vilarejos, longe do centro da cidade.

O livro de Lima Barreto não fala exatamente na Belle Époque, mas há uma fronteira entre ele e o que ocorreu no Rio de Janeiro durante o período. Define a especificidade da Primeira República, os critérios raciais que os povos mulatos e negros sofriam, diante também da exigência de modernidade da sociedade e os não cuidados e não reconhecimentos dos cidadãos pobres da cidade. A moda entra como um meio que mobilizou os indivíduos a se tornarem subordinados ao expansionismo que vinha da Europa. A urbanização foi um instrumento de manipulação da sociedade.

O objetivo de pesquisa é analisar exatamente o período da Belle Époque dentro da obra literária, mas focando no contexto vivido pelas pessoas na Primeira República. Além disso, focar nas questões raciais e sociais. Pois, mascarados com o nome de Belle Époque “Bela Época”, esse período esconde uma discriminação de classes, uma manipulação política e de comportamentos, que transformava os povos pobres em subordinados e dominados. A moda era uma forma de controle social, os mais bem vestidos apontados como melhores, pessoas de domínio e ética. Tudo isso, ligado a padrões. Vai ser analisado também o comportamento da burguesia para higienizar a sociedade pobre, porque envolve, as resistências ocorridas na época, tendo a revolta da vacina um ápice na perspectiva de modernização. No romance também é mostrado toda essa representatividade de um traje impecável.

3. Decorrência do imaginário romântico que a literatura brasileira adotou.

METODOLOGIA

O debate entre a história e a literatura se fortaleceu mais em 1990⁴, gerando um espaço de pesquisa favorável. Isso se deu em relação a mudanças ligadas à historiografia durante o século XX. Dessa forma, é importante se investigar uma relação histórica por meio de uma obraliterária por se tratar do contexto da época.

Segundo Kauark (2010), o ser humano procura por verdades dentro do pensamento científico, o indivíduo obtém respostas para uma tomada de ideias e concepções que podem ser identificadas. Buscou-se uma ampla bibliografia que fosse correspondente ao que se pretende pesquisar.

O livro *Triste fim* de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, mostra como as pessoas viviam em fins do século XIX e início do XX, enfatiza as dificuldades que as pessoas sofreram ao ser implantada a República, é analisado o comportamento dos indivíduos, o detalhamento da indumentária como elemento diferenciado na expressividade das pessoas, além do desempenho dos mais abastados da cidade para com os mais pobres que viviam na miséria, na fome.

Assim, a pesquisa tanto é vinculada na história cultural como na história social da pobreza. Aragão e Neta (2017) dizem que é fundamental se estudar a metodologia e perceber que através dela, tem-se uma abundância de procedimentos e técnicas cujo intuito é obter o propósito de uma pesquisa.

Aragão e Neta (2017) expõem que existem regras e normas para se esclarecer e assimilar o mundo, ou seja, o contexto que se vive, os lugares, o meio social. Partindo-se dessa perspectiva, institui-se uma análise sobre a relação da indumentária na história da moda, sua ligação com a literatura para uma pesquisa mais aprofundada do que ocorreu no período.

Para efetivar a pesquisa, foi necessária uma análise individual das obras apresentadas, a partir disso, uma correlação entre a obra de Lima Barreto e a Belle Époque no Rio de Janeiro. A metodologia usada para essa pesquisa é do tipo científica e corrobora uma investigação mediante uma pesquisa de cunho exploratório, motivada por uma pesquisa documental e bibliográfica, relacionada a história, a moda, a pobreza e a literatura.

Aragão e Neta (2017) afirmam que, o conhecimento científico abordado por eles, é algo real, objetivo, estabelece o pensamento circunstancial baseado não apenas na razão, mas na vivência dos fatos. Assim, é importante o uso dos métodos e das ferramentas para serem encontradas respostas para uma pesquisa, além de ser uma maneira de buscar, de resgatar um conhecimento, é também necessário para o discente pensar e refletir sobre determinado assunto. Diante disso, o pensamento da escritora Lília Schwarcz, permeado na trajetória do Lima Barreto, analisa questionamentos da urbanidade e expressa as dominações obtidas na Primeira

4. FARIAS, Joel Nunes de. SILVA, Luandson Luis da. MÉLO, Márcio de. SILVA, Marly Santos da. O USO DE LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA E A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA.

República, a questão da discriminação e as relações comportamentais vistas na sociedade.

Conforme o ponto de vista da natureza das pesquisas e da abordagem do problema, respectivamente: pesquisa básica e qualitativa. Permitindo a compreensão e interpretação dos textos, assimilando e descrevendo sobre o assunto em questão.⁵

Diante desse cenário, utilizou-se pesquisas de caráter exploratório, por meio de dissertações, análises de livros sobre o tema, bem como o contexto da indumentária e da moda, visando objetivar uma melhor síntese dos resultados. Segundo Gil (2008), no procedimento que é usado a metodologia científica é possibilitado a conquista por novos fundamentos no interior do contexto social.

De acordo com Aragão e Neta (2017) existem vários métodos para se compor uma pesquisa, entretanto, nesta, será abordado o método histórico que implica reconstruir o passado, mediante hipóteses objetivas e o método comparativo cujo intuito é analisar as semelhanças entre as pesquisas e esclarecer o que for contrário. Portanto, será um compilado de ideias e argumentações para a confecção da pesquisa.

BREVE ENREDO DO LIVRO TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

O personagem Policarpo Quaresma era bastante criticado, mal-entendido pelas outras pessoas do enredo, ele não gostava dos indivíduos quererem imitar a cultura europeia. Até sua irmã, Adelaide não o compreendia. Sendo que o Brasil é um país com seus próprios aspectos sociais. Quaresma era visto como louco, mas ele também enxergava como um visionário e patriota. Com certeza. Ele era bem mais um visionário do que um louco. “Mais do que uma ilustração, o enredo desse bailado é quase um sinônimo de época. Conhecido como a “era da sciencia”, o final do século XIX representa o momento do triunfo de uma certa modernidade que não podia esperar”. (COSTA, 2000, p. 9) Estamos falando, portanto, “de um momento em que uma certa burguesia industrial, orgulhosa de seu avanço, viu na ciência a possibilidade de expressão de seus mais altos desejos”. (COSTA, 2000, p. 10)

Na tentativa de tornar o Tupi-Guarani como a língua oficial do povo brasileiro em substituição ao português, Quaresma fez um requerimento e mandou ao Congresso Nacional, pedindo que a língua oficial do povo brasileiro fosse essa. Recebeu diversas críticas, pois tentou resgatar as tradições e manter as memórias, os costumes e a originalidade brasileira.

A cultura da língua Tupi-guarani é algo esquecido por muitos brasileiros Policarpo via isso como um absurdo, já que as pessoas sabiam outra língua e a Tupi-guarani, que faz parte da história brasileira, era esquecida. “É como se a cidade virasse um simulacro, uma representação daquela burguesia liberal ”(COSTA, 2000, p. 22). Policarpo Quaresma era

5. KAUARK, Fabiana. Metodologia da Pesquisa: Guia Prático/ Fabiana Kauark, Fernanda Castro Manhães e Carlos Henrique Medeiros. -ITABUNA:- Via Litterarum, 2010.

conhecido por major Quaresma, usava um cavanhaque, era um indivíduo magro e baixo. Um conceito que define como era Quaresma: “(...) vestia sempre fraque, preto, azul ou cinza, de pano listrado, na cabeça era usada cartola com abas curtas e muito alta. Toda matéria-prima para confecção do seu vestuário era brasileira”. (BARRETO, 1998, p.18).

Por meio desta citação, pode-se perceber que mesmo usando materiais brasileiros para confecção de suas vestimentas, Policarpo era de certa forma bem-vestido e não fugia da vestimenta oriunda da época, apenas as suas eram feitas com todos os materiais brasileiros, desde a produção dos tecidos até a peça final.

Há mudanças em relação à vestimenta dos personagens no decorrer do enredo, conforme o espaço e a necessidade de conforto na vestimenta. “(...) A exigência de autonomia privada se reencontra nas ações coletivas, doravante muitas vezes independentes, em sua origem, das direções das grandes organizações políticas e sindicais. (...)”. (LIPOVETSKY, 2009, p. 326)

No livro Triste fim de Policarpo Quaresma é relatada também a vestimenta de outros personagens, como a do presidente Floriano Peixoto e a de Ricardo Coração dos Outros, o amigo seresteiro de Policarpo. Dentre outros. Diante desse cenário, tem-se, “(...) Floriano vestia chapéu de feltro mole, abas largas e uma curta sobrecasaca surrada. Tinha um ar de malfeitor ou de exemplar chefe de família em aventuras extraconjugais”. (BARRETO, 1998, p. 167)

É perceptível que a obra literária fala muito sobre as transformações urbanas e projeções sociais vividas no Rio de Janeiro naquele período. Lima Barreto descreve que os subúrbios do Rio de Janeiro não se pareciam com as grandes cidades da Europa, e destaca ainda que, se existissem jardins nos subúrbios, eles não eram bonitos, eram desarrumados.

Barreto enfatiza que os municípios eram bem cuidáveis “como citado: variáveis e caprichosos”. Contudo, nas ruas, umas tinham calçadas e outras viviam como intitulado “estado de natureza”. Dessa forma, foi citado a moradia do violeiro. “Ricardo Coração dos Outros morava em uma pobre casa de cômodos de um dos subúrbios. Não era das sórdidas, mas era uma casa de cômodos dos subúrbios”. (BARRETO, 1998, p. 91)

DESENVOLVIMENTO E RESULTADOS

Nas perspectivas de Nicolau Sevckenko. Lima Barreto e Euclides da Cunha tinham o pensamento de que algo deveria ser feito pelo povo brasileiro, expor o cenário da miséria, da situação que muitos viviam ao serem desprezados pelo governo, resultado da distribuição política e social do Brasil perante tanto ao Brasil Império, como ao Brasil República. Assim, é importante salientar que,

Lima Barreto atacou com violência a oligarquia mineiro-paulista, que promovia a “valorização do café” e as suntuosas obras públicas da área metropolitana do Centro-Sul, enquanto o trabalhador agrícola permanecia “quase sempre errante de fazenda em fazenda, donde é expulso por qualquer dá cá aquela palha, sem garantias de espécie alguma – situação agravada pela sua ignorância, pela natureza das culturas, pela politicagem roceira e pela incapacidade e cupidez dos proprietários. (SEVCENKO, 1999, p.15)

Lima Barreto também se manifestou em relação à modernização do Rio de Janeiro com o advento da Belle Époque. Ele possuía uma “voz solidária” e ideias contrárias a como se desenvolvia essa situação.

Para ele, os homens ricos, os agentes imobiliários, os pseudo-urbanistas, que se empenhavam em loteamentos para valorizar e especular os terrenos pantanosos de Copacabana, Ipanema e Leblon, não estavam preocupados com a natureza. Só pensava mesmo em ganhar dinheiro, à custa de favores da Prefeitura. “Excessivamente urbana – escrevia Lima Barreto por volta de 1919 -, a nossa gente abastada não povoa os arredores do Rio de Janeiro de vivendas de campo, com palmares, jardins, que os figurem graciosos como a linda paisagem da maioria deles está pedindo. Os nossos arrabaldes e subúrbios são uma desolação. As casas de gente abastada têm, quando muito, um jardimzinho liliputiano de polegada e meia e as da gente pobre não tem coisa alguma.” (SEVCENKO, 1999, p.15 e 16)

Nos primeiros anos do século XX, antes do começo da Primeira Guerra Mundial, em 1914, aconteceu um período conhecido na França, como Belle Époque. Foram anos marcados por grande extravagância, festas e bailes, uma época que será lembrada como “as últimas loucuras da alta sociedade”. (NERY, 2009, p. 194)

A moda, em pleno século XIX e XX encontra-se cada vez mais presente em pesquisas ligadas à história, à comunicação, à arte e à literatura. Abrangendo reflexões sobre o cotidiano e o mundo das aparências. Paris era a inspiração e as relações e representações da moda e do consumo da sociedade estavam relacionadas à França. Dessa forma, muitas são as ideias de estudos da moda vinculada à Belle Époque.

O advento da Revolução Industrial possibilitou o progresso de várias áreas, como a eletricidade, medicina, farmacologia e bacteriologia. Foi um período marcado também pela Primeira República que ocasionou uma série de concepções e problematizações para o Brasil.

Marcado por uma República oligárquica, a qual os coronéis das regiões brasileiras articulavam legitimidade para controlar a população. Nessa época, foi comum o voto de cabresto, o coronel, para garantir os votos de quem ele apoiava, obrigava a população próxima a suas terras, ou seja, pessoas sem condições de vida, a votar em seus candidatos, trocava favores, entretanto, na maioria das vezes era por meio da intimidação.⁶

Segundo Silva (2018), a burguesia na Primeira República se intensificou cada vez mais em decorrência das indústrias e das fábricas, diante de um esforço sobre-humano.

6. LEAL. Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto. O município e o regime representativo no Brasil. Companhia das Letras, 2012.

Tanto de mulheres e homens como de crianças e adolescentes, que trabalhavam para ajudar nas despesas de casa, como não tinham leis e sindicatos trabalhistas, essas pessoas eram submetidas a péssimas condições de trabalho. Assim, é importante ainda analisar uma citação de Silva.

(...), para analisarmos a leitura de mundo feita por Lima Barreto do social, a relação que conseguia tecer entre o histórico e a literatura, pontuamos aqui as temáticas ressaltadas em seus escritos, algumas delas já analisadas nessa dissertação: nacionalismo, República, cultura da imitação, burguesia, militarismo, latifúndio, loucura, habitação e moradias dos pobres, pobres, racismo, imigração, progresso, modernidade e até mesmo uma ideia de reforma agrária, que pautaria o seu romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. (SILVA, 2018, p.129)

Diante disso, é perceptível o quão a obra de Lima Barreto pode agregar para a pesquisa e mostrar que a Belle Époque foi bela, para quem tinha mais poder aquisitivo, ou seja, para a burguesia.

Em 13 de maio de 1888 ocorreu a abolição da escravidão, com isso, muitos negros foram procurar novas formas de viver, contudo, o poder público não os acolheu, fazendo com que muitos se aglomerassem em cortiços, casarões abandonados no meio da cidade.⁷ A sociedade de ex-escravos procurava sobreviver em meio à nova dominação e estrutura das cidades. Os hábitos dos indivíduos estavam mudando.

Le Goff (1990) afirma que este mesmo período foi apontado como o envolvimento dos países atrasados com países avançados, levando em consideração as adversidades da modernização. Le Goff ainda enfatiza que a modernidade é inspiradora e encantadora para a história. Além disso, a modernidade tem um elo com a moda. O moderno tem nuances que se associam aos comportamentos, às condutas e ao embelezamento da sociedade.

A maioria da influência era advinda da França, as pessoas aprenderam até falar algumas frases em francês. E as pessoas mais prósperas colocavam os filhos para estudar na Europa. Foi também um período muito consumista, principalmente na moda. Apesar de a vestimenta oriunda da Belle Époque francesa ter chegado ao Brasil tardiamente, as mulheres foram influenciadas pela moda de Paris e Londres. “Uma verdadeira febre de consumo tomou conta da cidade, toda ela voltada para a “novidade”, a “última moda” e os artigos *dernier bateau*”. (SEVCENKO, 1999, p.28)

A nova sociedade carioca foi orientada a uma conquista do novo, e as regalias da Bela Époque e não mediam aos exageros. É válido salientar que nesse período houve muita decadência para a população pobre, chagando muitas vezes a passar fome, a serem excluídas de transitar com os de classe alta.⁸ Fica evidente a divisão social do período. As vestimentas eram diferentes, as classes mais populares não possuíam roupas tão sofisticadas quanto as demais, muito menos comida, moradia e higiene.

7. PATTO, Maria Helena S. Estado, ciência e política na Primeira República; a desqualificação dos pobres. 1999

8. História da vida privada no Brasil/ coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998. – (História da vida privada no Brasil; 3)

Fazia parte do interesse público a privacidade das populações parisienses, mas as periferias, justamente as que não podiam viver e conviver como a elite parisiense, eram geograficamente excluídas do contexto social. Esse processo de excluir parte da sociedade fez com que muitos cidadãos fossem tidos como marginais, forasteiros. Todavia, essas pessoas lutavam para sobreviver, viviam em casebres, os cômodos eram pequenos, não tinham higiene e o pior era a fome e as doenças que se alastrava rapidamente.

Devido a esse aglomerado de gente negra e pobre, subalternos da sociedade carioca ocorreram uma série de mudanças e reformas sociais na cidade. Tudo em decorrência da modernidade parisiense que assolava o país. As pessoas foram induzidas a embelezar o Rio de Janeiro.⁹

Os casarões, os cortiços que viviam os ex-escravos e pessoas que migraram para a cidade em busca de novas oportunidades de emprego, foram destruídos, deixando muito desabrigados, que sem ter moradia foram se alojando no chamado subúrbio, assim surgiu as favelas, localizadas nos arredores da cidade, não eram nem um pouco parecidas com os bairros elegantes.

Apesar de tudo isso, a influência da cultura francesa se sobressaia na cidade do Rio. Principalmente, no modo de vestir e na indumentária da sociedade. Muitos tecidos finos vieram de Paris, as pessoas não queriam mais tecidos brasileiros, muito menos uma moda voltada para a localização geográfica da cidade. Segundo Lipovetsky (2009) a idolatria da modernidade foi categórica para a moda e sua dominação social.

Lipovetsky (2009) afirma que mudança não é um caso imprevisto, e sim, uma determinação definitiva dos desejos da alta sociedade. O efêmero funciona como um dos pilares característicos da vida mundana. Conseqüentemente, é importante a compreensão histórica para se engendrar no fenômeno da moda e da indumentária, a partir das narrativas do século XIX e XX, por meio de uma linha histórica e das práticas culturais cotidianas.

Consoante as perspectivas de Jacques Le Goff (1990), a modernidade é relacionada a moda, ao luxo e a presunção. Assim, como ocorreu durante a Belle Époque, um período de remodelação das cidades brasileiras, assim, muitas pessoas deixaram dialetos populares para esnober os parisienses e ostentar diante do ideário de modernidade.

O comportamento é caracterizado pelas experiências dos indivíduos. A autoidentidade é uma característica da sociedade, contudo, na Belle Époque brasileira, a autoidentidade estava relacionada ao expressar por meio das vestimentas, das palavras em francês citadas na cidade, do modo de se colocar na sociedade, ou seja, uma visão de mundo feita observando Paris.

A indumentária constitui identidade, é ligada ao comportamento das pessoas. O consumo passou a fazer parte dos indivíduos do Rio no contexto e desenvolvimento histórico. A população estava em busca de consumir, a fim de satisfazer desejos mediante

9. AZEVEDO, André Nunes de. A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/ Mauad X, 2016.

o estilo parisiense. A moda atrelada no tomar de decisões, decodifica comportamentos. Lipovetsky (2009) fala que a publicidade estimula e incentiva a ambição pelo consumo.

O personagem Policarpo Quaresma era bastante criticado, mal-entendido pelas outras pessoas do enredo, ele não gostava de os indivíduos quererem imitar a cultura europeia. Até sua irmã Adelaide, não o compreendia. Quaresma era visto como louco, mas ele também enxergava como um visionário e patriota.

É perceptível que a obra literária fala muito sobre as transformações urbanas e projeções sociais vividas no Rio de Janeiro naquele período. Lima Barreto descreve que os subúrbios do Rio de Janeiro não se pareciam com as grandes cidades da Europa, e destaca ainda que se existissem jardins nos subúrbios, eles não eram bonitos, eram desarrumados. O enredo mostra também um presidente ditador, que se aborrecia rapidamente. Policarpo não se metia com política, para ele todos eram seus amigos, inclusive o presidente do enredo. Contudo, este quem o apunhala pelas costas, ou seja, quem contrata sua morte.

Lima Barreto enfatiza que os municípios eram bem cuidáveis “como citado: variáveis e caprichosos”. Contudo, nas ruas umas tinham calçadas e outras viviam como intitulado “estado de natureza”. Dessa forma, foi citado a moradia o violeiro. “Ricardo Coração dos Outros, personagem do romance, amigo de Policarpo, morava em uma pobre casa de cômodos de um dos subúrbios. Não era das sórdidas, mas era uma casa de cômodos dos subúrbios”. (BARRETO, 1998, p. 91)

A maneira como o indivíduo se veste revela a época em que se vive. Assim, como as pessoas que viveram o período da Belle Époque. As mudanças nos gostos das pessoas e dos comportamentos, estrutura a relação das pessoas com a moda, no âmbito da história da moda. Os valores do passado recriam a padronização do momento e chamam atenção pela reprodução de caracterizar a época histórica.

Diante do exposto, Lima Barreto ao escrever esse romance colocou pontos de vistas retratados além do tempo da obra, como o governo severo, que ainda pode ser visto em pleno século XXI, pessoas que não usufruíram do que tinham, que queriam algo sempre de fora, e até mesmo uma certa guerra, gerada em torno do governo, com muita injustiça e crueldade, não se solidarizava com o próximo. Enfatizando, a situação da pobreza que assolava a época, mas era mascarada em meio aos otimismo da Belle Époque.

CONSIDERAÇÕES

O Brasil entrou na Belle Époque com um ar de modernidade, com confiança e otimismo. O que não se esperava era que essa modernidade fosse levar as pessoas urbanas para as grandes cidades, principalmente o Rio de Janeiro, o que ocasionou uma certa desordem ao que a sociedade consumista esperava.

Assim, a moda passou a fazer parte da vida das pessoas. Os indivíduos ficaram seduzidos e fascinados com as novidades vindas da Europa, com a Belle Époque, a busca

de novas formas de se colocar no mundo, de se expressar deixou os brasileiros dominados. Ocasionalmente mudanças no comportamento dos indivíduos.

A indumentária é um termo muito importante, pois se relaciona ao comportamento de determinados indivíduos e com o contexto vivido em sociedade. Dessa forma, torna-se evidente que o Brasil é o foco principal que motiva Policarpo Quaresma, e o foco da pesquisa ser baseado na cidade do Rio de Janeiro, onde a Belle Époque foi excêntrica até demais para a cultura e clima do lugar, mostra que a decisão das pessoas influenciava nas suas emoções nos seus sentimentos, na forma de se representar para a sociedade.

É notável a evolução do vestuário na história da moda. Essa evolução está relacionada às manifestações culturais, políticas e econômicas. A moda é um campo de conhecimento gigantesco. Ela está relacionada à arte, à arquitetura e à história do homem, dentre tantas outras coisas. Assim, moda é usada em diversos contextos, está ligada à história, ao momento de uma determinada época. Até mesmo em uma época de luxo, existia muita pobreza por detrás da idealização de algumas pessoas. Fazendo com que a movimentação de muitas pessoas em uma área fosse desprovida de uma organização social, de um convívio social.

Salienta-se também que a moda é um fenômeno universal, ela faz parte da vida das pessoas. Hoje, cada pessoa se veste da maneira mais conveniente para si. Entretanto, no final do século XIX e início do século XX vestir-se igual às pessoas parisienses era corriqueiro. Contudo, as pessoas mais pobres não podiam consumir a idealização que a Belle Époque construía na vida dos indivíduos.

Quando Policarpo Quaresma não aceita a cultura europeia, não quer dizer que ele seja louco ou alguma coisa do tipo, mas que ele tem uma visão para enxergar além do que as outras pessoas. O Brasil é um país miscigenado, de várias culturas, e como já pensava o personagem Policarpo, é um país que pode ter sua moda e sua própria identidade dentro dos diferentes grupos sociais. Assim como a moda, as culturas brasileiras estavam dentro do personagem, também estão em cada indivíduo da sociedade.

Logo, para muitos, a moda é futilidade, porém, é um fenômeno global, que não faz parte apenas da estética e da vaidade. Todavia, é a forma de se colocar na sociedade. Portanto, vestir-se de roupas confeccionadas no Brasil e com toda matéria-prima brasileira mostra a autenticidade de Policarpo Quaresma. Usar roupas que não condizem com a sua cultura não é autenticidade, mas uma cópia do que ocorria fora do país.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, José Wellington Marinho de. Metodologia Científica. [recurso eletrônico] / José Wellington Marinho de Aragão, Maria Adelina Hayne Mendes Neta. - Salvador: UFBA, Faculdade de Educação, Superintendência de Educação a Distância, 2017. 51 p.: il. < https://archive.org/details/metodologia_cientifica_ufba/page/n15/mode/2up > acesso em 08/05/2023

ARAUJO, C. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. Em *Questão* [en línea], v. 12, n.1, p. 11-32, jan./jun. 2006. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=465645954002> > acesso em 08/05/2023

AZEVEDO, André Nunes de. *A Grande Reforma Urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/ Mauad X, 2016.

BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: FTD, 1998.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOLSANELLO, Maria Augusta. *Darwinismo social, eugenia e racismo “científico”: sua repercussão na sociedade e na educação brasileira*.

CARVALHO, LEONARDO DALLACQUADE. *ENTRELAÇANDO HISTÓRIA E LITERATURA: uma análise da repressão ao candomblé através da obra Jubiabá de Jorge Amado na década de 1930*. < <https://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e17a4.pdf> > acesso em 03/06/2023.

Coleção digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional. Hemeroteca digital brasileira < <https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> > acesso em 12/06/2023.

COSTA, Angela Marques; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *1890 – 1914: no tempo das certezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

FARIAS, Joel Nunes de. SILVA, Luandson Luis da. Mélo Márcio de. Silva Marly Santos da. *O USO DE LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA E A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA*. < https://editorarealize.com.br/editora/anais/linguas/2021/61bb91ec3127f_161220211622_20.pdf > acesso em 04/06/2023.

GIL, Antonio Carlos *Métodos e técnicas de pesquisa social* / Antonio Carlos Gil. - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

História da vida privada no Brasil/ coordenador-geral da coleção Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. – São Paulo: Companhia das Letras, 1998. – (História da vida privada no Brasil; 3)

KAUARK, Fabiana. *Metodologia da Pesquisa: Guia Prático*. Itabuna: Via Litterarum, 2010.

LE GOFF, Jacques, 1924. *História e Memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] - - Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto. O município e o regime representativo no Brasil*. Companhia das Letras, 2012.

LIPOVETSKY, Gilles *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas/ Gilles Lipovetsky; tradução Maria Lucia Machado*. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NERY, Marie Louise. *A evolução da indumentária: subsídios para criação de figurino*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2009.

PATTO, Maria Helena S. Estado, ciência e política na Primeira República; a desqualificação dos pobres. 1999

SCHWARCZ, Lilia Moritz / STARLING, Heloisa Maria Murgel. Brasil: Uma biografia. Companhia das letras. 2015.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República/ Nicolau Sevcenko. – São Paulo: Brasiliense, 1999.

SILVA, Marcos Renan Praciano da. Entre a história e a literatura – Lima Barreto: narrativas sobre a pobreza nas primeiras décadas do Brasil República (1900-1922) / Marcos Renan Praciano da Silva – 2018.

WAJNMAN, Solange; ALMEIDA, Adilson José de Almeida (Orgs.) Moda e conhecimento: interface acadêmica da moda. -- São Paulo: Arte e Ciência, 2005.